

11 A 13
DE DEZEMBRO
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL
NA UFRPE RECIFE



2º Congresso Internacional de Agroecologia
e Desenvolvimento Territorial (CIADT)
11º Seminário de Agroecologia e
Desenvolvimento Territorial (SEADT)

TEMA

Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas



Feminismo em Transformação: as interconexões entre a exploração das mulheres e da natureza

Cristiane de Souza Castro; Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial; Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); E-mail: crscastro@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5127157667007758>. ORCID: 0009-0007-7018-7762

Angela das Chagas Teles; Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial; Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); E-mail: angelita.teles@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5287223969188127>. ORCID: 0009-0008-4867-9151

Vanessa Maria Santiago da Silva; Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial; Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); E-mail: vanessasantiago@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8080279232352856>. ORCID: 0009-0004-6769-5502

Linha de Pesquisa: Sociedade, Economia e Construção do Conhecimento.

1 Introdução

O feminismo brasileiro é uma força transformadora étnico-política que impulsiona reflexões críticas sobre a realidade cultural em uma sociedade patriarcal. Este movimento questiona normas sociais e luta pela igualdade, enfrentando diversas formas de opressão que ainda persistem. Conquistas como a legalização do divórcio e o acesso à pílula anticoncepcional aumentaram a autonomia das mulheres e sua participação em espaços de poder, apesar da resistência patriarcal. Esse feminismo interliga-se com outros movimentos sociais, como o LGBTQIA+, negro e ecológico, promovendo uma luta plural.

Revisitar o passado feminista é essencial para projetar um futuro mais justo. Nos movimentos de mulheres do campo, como a Marcha das Margaridas e o MST, essas mulheres defendem uma economia solidária e criticam práticas nocivas do agronegócio, destacando a conexão entre gênero e sustentabilidade. Essa aliança entre mulheres e natureza caracteriza o

ecofeminismo, que, segundo Rosendo (2017), evidencia interconexões entre a dominação das mulheres, dos animais e da natureza em diversas dimensões.

Este estudo visa investigar como o ecofeminismo contribui para o empoderamento das mulheres e as mudanças nas relações de poder no campo. A pesquisa é guiada pela questão: qual é a relação entre a opressão das mulheres pelo machismo, dos animais e da natureza? A metodologia adota uma revisão narrativa para analisar criticamente a literatura sobre o tema, destacando interconexões entre gênero, natureza e opressão e fornecendo subsídios para futuras pesquisas.

2 Referencial teórico

A fundamentação teórica deste trabalho está dividida em quatro temas principais: o ecofeminismo e suas relações com mulheres, animais e natureza; o contexto das mulheres no trabalho; o feminismo no campo e suas particularidades; e, por fim, a relação entre feminismo e marxismo.

No que diz respeito ao ecofeminismo, ele surge como uma linha de pensamento que integra os movimentos feministas e ambientalistas desde a década de 1970, identificando conexões entre a exploração das mulheres e da natureza dentro de uma cultura patriarcal. Sherry Ortner¹ foi pioneira em relacionar mulheres à natureza, observando que diversas culturas tendem a subvalorizar as mulheres. Tal exploração, associada a um sistema socioeconômico e cultural dominador, é evidenciada nas economias rurais de subsistência, que priorizam a sustentabilidade e se opõem à lógica capitalista de exploração da natureza. Shiva (1991) argumenta que o princípio feminino pode contribuir para a regeneração da natureza, promovendo uma relação produtiva e sustentável entre as mulheres e o meio ambiente. Assim, o ecofeminismo propõe a emancipação das mulheres como uma forma de resistência à exploração patriarcal e busca uma visão de desenvolvimento que seja ao mesmo tempo socioambiental e libertadora para o gênero feminino.

No contexto do trabalho, a relação entre feminismo e dominação é inevitável. Desde cedo, muitas mulheres são envolvidas em papéis tradicionais de cuidado doméstico e familiar, retratadas por Virginia Woolf² como “Anjos do Lar”, um arquétipo de mulher sem opinião própria e submissa. No entanto, Márcia Tiburi³ destaca que muitas são, na verdade, “Escravas

¹ Sherry Beth Ortner é uma antropóloga cultural americana e professora de antropologia da UCLA desde 2004.

² Virginia Woolf (1882-1941) foi uma escritora britânica pioneira do feminismo contemporâneo, cujas ideias abriram caminho para o movimento feminista.

³ Marcia Tiburi é filósofa, artista plástica, professora e política brasileira, reconhecida por seus escritos sobre gênero e ética.

do Lar", sobrecarregadas com múltiplas jornadas de trabalho, muitas vezes não remuneradas e, mesmo quando são, ganham menos que os homens. Essas divisões reforçam a estrutura de poder, romantizando a subordinação feminina e limitando o desenvolvimento das mulheres como seres livres e autônomos. Garcia (2009) afirma que o feminismo também é uma cultura de consciência, desvelando conexões simbólicas e práticas entre dominação e gênero. Sob essa ótica, o feminismo visa oferecer às mulheres maior liberdade e equidade no ambiente de trabalho, possibilitando que elas transcendam papéis historicamente subjugados e construam identidades próprias.

No campo, as mulheres enfrentam uma luta adicional, buscando políticas públicas que combatam as desigualdades socioeconômicas e garantam a preservação ambiental. Vandana Shiva reforça que as práticas e conhecimentos femininos das mulheres rurais precisam ser reconhecidos e valorizados pelas políticas governamentais, pois estão diretamente ligados à sustentabilidade. Rosendo (2017) identifica que o feminismo no campo abrange uma série de estruturas conceituais que entrelaçam papéis de gênero e questões ambientais, enquanto Carmo et al. (2016) destacam que o empoderamento rural promove a justiça social e fortalece a sustentabilidade. Nesse sentido, a atuação das mulheres rurais na construção de políticas e espaços institucionais consolida a luta pelo reconhecimento de seus direitos e papéis sociais, resistindo ao agronegócio e apoiando a agricultura familiar.

Por fim, a intersecção entre feminismo e marxismo oferece uma crítica aos sistemas patriarcal e capitalista. Para Cisne (2018), o feminismo marxista identifica as desigualdades que oprimem mulheres pela ótica das relações de classe, gênero e raça. Marx e Engels apontaram a opressão feminina dentro do sistema familiar e a divisão sexual do trabalho, que gera papéis de subordinação às mulheres. Esse processo mantém as mulheres em uma posição de inferioridade, explorando seu trabalho tanto no ambiente doméstico quanto no mercado. Juliet Mitchell, em *Women's Estate* (1966), observa que a mulher é duplamente explorada e subordinada, dentro de uma sociedade de classes que também se estrutura pela raça. Sob essa perspectiva, compreender as lutas feministas em suas interseções com raça, gênero e classe é fundamental para construir uma visão que avance para uma sociedade emancipada e igualitária, como afirma Beauvoir (1980, v.2): “o problema da mulher sempre foi um problema dos homens”.

3 Metodologia

Este estudo adotará uma abordagem metodológica baseada em revisão narrativa para investigar criticamente as interconexões a partir do empoderamento feminino e as transformações das relações de poder e opressão ampliará o debate no tocante as questões que

envolve as mulheres e a natureza. Conforme destacado por Cordeiro, Oliveira e Rentería (2007), a revisão da literatura narrativa não requer um protocolo rígido para sua elaboração, não sendo restrita a uma busca específica e predefinida de fontes. A revisão de literatura é uma metodologia que se propõe a explorar e analisar criticamente estudos e publicações científicas relevantes sobre o tema em questão, a fim de compreender e sintetizar o conhecimento acumulado na área.

Vosgerau e Romanowski (2014) ressaltam que a revisão narrativa, devido à sua abrangência, oferece um espaço propício para a discussão dos conhecimentos atuais relacionados ao tema, permitindo ao autor contribuir com atualizações contextualizadas nos debates. Para coletar os dados, foi realizada uma extensa busca em bases de dados acadêmicos, como, Google Scholar, Scielo, entre outros. As palavras-chave utilizadas foram "ecofeminismo", "feminsmo e natureza", "mulheres campesinas", "interseccionalidades", e suas combinações. A seleção dos estudos foi baseada na relevância para o tema, com enfoque em artigos científicos, livros e relatórios de organizações especializadas.

4 Resultados e Discussão

A investigação sobre ecofeminismo e suas intersecções com gênero, natureza e trabalho revela a complexa relação entre poder e opressão que afeta mulheres, natureza e animais. Desde os anos 1970, o ecofeminismo une ambientalismo e feminismo para criticar o sistema patriarcal e capitalista, que perpetua exploração e desigualdade.

Sherry Ortner demonstrou como as culturas historicamente subvalorizam as mulheres, ligando sua opressão à exploração da natureza, frequentemente vistas como "propriedades" exploradas por uma minoria dominante. Essa compreensão é essencial para identificar como o sistema econômico e cultural sustenta essa dominação. Na perspectiva de Shiva (1991), o ecofeminismo vê mulheres e natureza como agentes de uma sociedade sustentável, desafiando o modelo de desenvolvimento que prioriza a acumulação de capital em detrimento do meio ambiente e da dignidade humana.

A análise do trabalho feminino evidencia a conexão entre o papel da mulher na sociedade e a promoção da sustentabilidade. Economias de subsistência rural, que seguem princípios ecofeministas, contrastam com o capitalismo exploratório, valorizando o trabalho feminino e a sustentabilidade, como destaca Shiva. Essas práticas apontam caminhos para superar a dominação patriarcal e alcançar justiça socioambiental.

O estudo dos papéis de gênero no trabalho revela uma estrutura de opressão. Virginia Woolf descrevia a mulher como o "Anjo do Lar", uma figura idealizada e submissa, enquanto

Márcia Tiburi critica esse papel, referindo-se às mulheres como "Escravas do Lar", sujeitas a múltiplas jornadas sem a devida valorização. Garcia (2009) observa que o patriarcado utiliza ideais de amor e devoção para justificar a subordinação econômica das mulheres.

No contexto rural, a opressão das mulheres está entrelaçada com questões ambientais e culturais. Rosendo (2017) destaca que as mulheres rurais enfrentam formas de opressão específicas e precisam de políticas públicas que considerem essas interseções. Carmo et al. (2016) reforçam a importância de políticas que empoderem as mulheres rurais, reconhecendo-as como sujeitos de direitos.

A integração do feminismo ao marxismo permite uma análise das desigualdades através das relações de classe e gênero. Cisne (2018) defende que o feminismo marxista oferece uma base teórica para enfrentar essas desigualdades, enquanto Marx e Engels identificaram a opressão feminina na família como reflexo da divisão desigual do trabalho. Mitchell (1966) enfatiza que a opressão das mulheres persiste tanto no trabalho doméstico quanto no mercado, onde enfrentam desigualdades econômicas.

Por fim, a interseção entre gênero, classe e raça aprofunda a compreensão da opressão mútua. Beauvoir (1980) argumenta que o sexismo limita o potencial feminino e perpetua as desigualdades, sustentado por uma lógica capitalista e patriarcal que restringe a liberdade e igualdade de grande parte da população.

5 Conclusões

O ecofeminismo emerge como uma abordagem crítica e abrangente para compreender e enfrentar as complexas intersecções entre gênero, natureza e trabalho. Esta análise revelou como a opressão das mulheres e a degradação ambiental estão profundamente entrelaçadas, ambas sendo reforçadas por um sistema patriarcal e capitalista que prioriza a exploração e o lucro em detrimento da equidade social e da sustentabilidade ambiental.

A partir da revisão dos conceitos de ecofeminismo e da análise das práticas das mulheres rurais, foi possível identificar como a exploração das mulheres e da natureza não é um fenômeno isolado, mas parte de um sistema maior de dominação e opressão. As mulheres, especialmente aquelas em contextos rurais, desempenham um papel crucial na promoção de práticas sustentáveis e na resistência ao modelo de desenvolvimento predatório.

As contribuições teóricas de pensadoras como Sherry Ortner, Vandana Shiva, Virginia Woolf e Márcia Tiburi evidenciam como a opressão das mulheres está intrinsecamente ligada à exploração da natureza. Essas perspectivas ajudam a compreender como o ecofeminismo

oferece uma visão integradora que não apenas critica as injustiças, mas também propõe soluções baseadas em práticas sustentáveis e justas.

A análise das políticas públicas e das economias de subsistência rurais ressalta a importância de reconhecer e apoiar o trabalho das mulheres no campo. As práticas ecofeministas adotadas por essas mulheres demonstram a necessidade de políticas que atendam às suas realidades e promovam seu empoderamento. A promoção de um desenvolvimento sustentável e justo requer a integração das perspectivas ecofeministas nas políticas e práticas econômicas, garantindo que a voz e o trabalho das mulheres sejam devidamente reconhecidos e valorizados.

Além disso, a reflexão sobre a opressão de gênero e a exploração ambiental destaca a urgência de uma abordagem mais inclusiva e equitativa na formulação de políticas e na promoção de práticas de desenvolvimento. A pesquisa confirma que a transformação social e ambiental requer uma mudança profunda nos paradigmas de poder e na forma como entendemos as relações entre seres humanos e o meio ambiente.

Em suma, o ecofeminismo oferece uma lente poderosa para compreender e enfrentar as múltiplas formas de opressão que afetam as mulheres e a natureza. As práticas e reivindicações das mulheres rurais, aliadas às críticas e propostas ecofeministas, são essenciais para construir um futuro mais sustentável e justo. A continuidade da pesquisa e da ação nessa área é fundamental para promover a equidade, a justiça ambiental e o respeito pelos direitos das mulheres e do meio ambiente.

6 Referências

AGUIAR, Vilenia Venancio Porto. Mulheres Rurais, Movimento Social e Participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas. **Estudos Feministas**. V.15, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15nesp1p261>.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. v. 2. 10ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CARMO, Jhader; PIRES, Mônica; JÚNIOR, Guilhardes; CAVALCANTE, Aniram; TREVIZAN, Salvador. Voz da natureza e da mulher na Resex de Canavieiras-Bahia-Brasil: esex de Canavieiras-Bahia-Brasil: esex de Canavieiras-Bahia-Brasil: esex de Canavieiras-Bahia-Brasil: sustentabilidade ambiental e de gênero na perspectiva do ecofeminismo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 24(1): 406, janeiro-abril/2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p155>

CISNE, Mirla. Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 132, p. 211-230, maio/ago. 2018 <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.138>

CORDEIRO, Alexander Magno; OLIVEIRA, Glória Maria de; RENTERÍA, Juan Miguel; GUIMARÃES, Carlos Alberto; Grupo de Estudo de Revisão Sistemática do Rio de Janeiro (GERS-Rio). Revisão Sistemática: **Uma Revisão Narrativa**. Comunicação Científica, v. 34, n. 6, p. 428-431, nov./dez. 2007. ISSN 0100-6991.

GARCIA, Loreley. Ecofeminismo: múltiplas versões. **Revista Ártemis**, v.10, p.96-118, Jun 2009.

KOTHARI, C. R. **Research methodology: methods and techniques**. 1ed. Wisha New Delhi: Prakashan, 2003. 414 p.

MACHADO, Denise. Catadoras de caranguejo e saberes tradicionais conservação de manguezais da Amazônia brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(2): 485-490, maio-agosto/2007.

MARX, K. e Engels, F. **L'idéologie allemande**. Paris, Editions, 1970, p. 47.

MARX, K. e Engels, F. **Manifesto Comunista: comentado por Chico Alencar**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. 96pp

MITCHELL, Juliet. **Woman's Estate**. England: Penguin Books, 1971, p. 99.

MORAES, Maria Lygia Quartim. **Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças**. **Crítica Marxista**. São Paulo, n. 11, p. 95-96, 2000.

Organizações das Nações Unidas- ONU Mulheres . Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-rurais-querem-trabalho-credito-politicas-de-habitacao-e-uma-vida-sem-violencia/>>, consultado em 01/10/2018.

ROSENDO, Daniela. Ecofeministas no campo: transformando relações de poder e opressão. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

SHIVA, Vandana. **Abrazar la vida: mujer, ecologia y supervivencia** (trad. Ana E. Guyer). Montevideo: Instituto del Tercero Mundo, 1991. 200p.

SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.1, n1, jan/mar2000.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 6ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 126p.

VOSGERAU, D.; ROMANOWSKI, J. Estudos de revisão: Implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**. v.14, n. 41, 2014. p. 165-189.

WOOLF, Virginia, 1882-1941. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**; tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018. 112p.